

LUSOGRAFIAS

As Lusografias inserem-se num trabalho de reflexão que tem vindo a ser realizado em Évora por um grupo de estudiosos das questões afro-luso-brasileiras e que já envolveu outros eventos como os «Dias de África» e a Editora Pendor.

A designação Lusografias foi criada pelo poeta angolano David Mestre e deve ser entendida como mais uma tentativa de sintetizar um universo tão vasto e distinto de povos que a expansão impôs e a liberdade dos homens veio reformular, pese embora as contradições que a década de 90 veio acrescentar.

Nem Portugal, nem o Brasil nem os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa conseguiram até agora encontrar vias de acção cultural consistentes nas suas relações, especialmente em matéria de artes plásticas, acabando a actividade cultural por ser subsidiária da acção política, económica e de solidariedade.

As sinergias resultantes de acções pontuais nestas matérias revelam que persistem profundas insuficiências no domínio da troca e da reciprocidade que as práticas criativas envolvem. Se efectivamente estamos interessados em acompanhar os reflexos mais positivos da globalização, é necessário haver um novo empenhamento de todas as partes envolvidas.

A aposta na divulgação da língua portuguesa em África pode traduzir-se mais numa necessidade unilateral aceite por interesses anacrónicos das elites dirigentes dos ex-colonizados e do ex-colonizador, o que não significa que seja o melhor para as populações ou para o desenvolvimento desses territórios. A dimensão plástica apresenta uma linguagem mais abrangente do que a verbalização convencionada, e desenvolve atitudes de parceria e cumplicidade recíprocas, embora a sua interpretação exija um novo posicionamento.

Ora Portugal confronta-se com três desafios fundamentais e em simultâneo: as relações com África e Brasil, as relações com o Ocidente particularmente no quadro da União Europeia de que é membro, e estruturais internos de educação, de formação e consciência, os quais evidenciam ritmos, cadências, sedes e territórios de tutela diversificados.

O vírus mediático que entorpece a valorização da excelência e permite em nome de espinhas ditas dorsais efectuar o silêncio dos artistas é na verdade a subordinação da arte à economia e tem-se revelado um obstáculo à inovação. «Vencer a ainda evidente dominação dos circuitos de consagração, dos ritmos de consagração e dos temas a consagrar pelos poderes críticos, museológicos e de mercado definidos pelas potências artísticas ocidentais é um objectivo essencial» (João Pinharanda – Outras Plasticidades).

O exercício criativo deve manter-se como ameaça permanente ao politicamente correcto nos vários escalões do poder, daí que seja urgente que os artistas se assumam como uma força interveniente na política. Gradualmente esta atitude dos artistas foi perdendo visibilidade e entre escassez e abundância, privilegiam a oportunidade das representações sociais convergentes com o poder, tornando-se o equivalente cultural da lógica do mercado.

Uma nova atitude face ao poder político traz-nos a possibilidade de desencadear alternativas estéticas menos comprometidas com as culturas dominantes e um maior relacionamento

intercultural dos povos, reforço da sociedade civil e equidade. Nesse sentido a valorização das poéticas e das técnicas da arte tradicional deverá ascender ao universo das linguagens universais, num processo de inter-acção cosmológica a partir de microcosmos localizados. Desta maneira contribuiriam para a consolidação das culturas emergentes do século XXI cujo traço mais marcante é o plural indivisível, a miscigenação e sua própria revitalização.

As LUSOGRAFIAS ao estenderem-se até às artes plásticas e poéticas apresentam-se como mais uma tentativa de contrariar as formas de relacionamento utilizadas e proporcionar novas complexidades. A conjugação de artistas de culturas, nacionalidades e gerações diferentes, formações, expressões e orientações estéticas distintas concretizam os pressupostos que foram enunciados.

A instalação de Clara Menéres no Museu de Évora, é uma denúncia daquilo que quase nos atrevemos a chamar de extermínio da "...alma profundamente marítima do nosso povo..." (Ramalho Ortigão, Arte Portuguesa, II). Esta instalação multimédia intitulada "Povo de Beira-Agua", recorre a fragmentos de textos de variadíssimas origens, os quais, são fortemente elucidativos da actual destruição da frota pesqueira em Portugal e da conseqüente penhora da cultura e da economia nacionais.

"Ambientes I", é o título do trabalho de Joaquim Tavares. Nesta instalação... "entroncam trilhos anteriores, o desenho, marcadamente intencional e cheio de significados, que se manifestam quer pela geometria, quer pela simulação da letra, princípio básico de toda a escrita, num cenário criado pelos objectos em que se formula,o problema." (Francisco Alberto Valente C.).

2

Na sacristia da Igreja de S. Vicente, a partir de uma escultura em mármore, Susana Piteira desenvolve uma instalação cujo suporte é o próprio espaço, ultrapassando assim a escultura como objecto, apropria-se deste espaço desenhando sobre as suas paredes. Vénus Landscape II - Flowers, utiliza técnicas tradicionais das artes plásticas como o desenho a grafite ou a escultura modelada em pedra integrando-as numa lógica actual de actuação escultórica.

A poesia visual é nesta exposição apresentada por Feliciano de Mira e Paulo Bruscky. Da obra de Feliciano de Mira diz-nos E. M. Melo e Castro: "Estamos portanto perante uma poiesis transformativa de materiais heterogêneos analógicos (os vários códigos létricos, instrumentais e de cor, usados) na proposta de uma poética digital, usando como suporte o convencional papel, ..." e, acrescentaríamos, nós, no formato também convencional do papel A4. Paulo Bruscky, artista plástico multidisciplinar, aprofunda a partir de 1969 as suas pesquisas e, aumenta as suas realizações no campo da arte conceptual, espacial happenings, copy art, livro de artistas, etc. No Brasil, é pioneiro da copy art(electrografia) e da art fax. Trabalha essencialmente sobre a ideia de tempo, a ideia das sensações, a tecnologia o gelo e a fumaça.

A Ferro e Fogo foram criadas as obras de Volker Schnuttgen. Esculturas em aço Corten e as gravuras, obtidas através da impressão de chapas de ferro previamente recortadas e aquecidas no fogo, deixam marcas de uma forte intensidade na espessa folha de papel branco.

Matias Ntundo, o escultor maconde da aldeia de Nandimba, conta as suas histórias através da xilogravura. Uma encomenda de um missionário da Igreja Assembleia de Deus em 1998, para

ilustrar a Bíblia em língua maconde ajuda-o a sofisticar-se na técnica e concentra-o nos conteúdos religiosos.

Malangatana não necessita de apresentações. Na Igreja de S. Vicente, apresenta um conjunto de telas onde oscila o onírico-fragmentado e uma fala das formas e das cores, num diálogo de seres interligados entre si. Como é seu hábito trabalhar com os mais novos, fará uma intervenção de arte pública com as crianças das escolas do ensino básico da cidade de Évora.

António Couvinha, pintor da cidade de Évora, mostra-nos o seu já conhecido repertório de formas e composições de carácter surrealizante.

João Sotero opta, nesta mostra, por trocar a pedra, material em que normalmente se nos apresenta, pelo metal. Partindo de um conjunto de moldes de ferro que recupera de uma máquina de uma fábrica desactivada, o escultor, elabora um painel de parede, de carácter ingénuo, numa atitude de apropriação de formas (ready made), adaptando-as a novas leituras não perdendo, contudo, uma certa ideia de mecanicismo inicial.

Por último, "O Oriente e o Ocidente, com grande premência de raízes africanas, misturam-se de forma subtil, ou rangente e sensual, na obra de Isabel Rocha, pintora voluntariosa e instintiva que trabalha no limite do abismo de todos os impulsos oníricos. Sucessivas viagens a um imaginário assim produzem pedaços de sonho, coisas aparentemente rasgadas do próprio corpo da autora, restos de longas derivas, rostos suspensos da noite ou corpos de gente e de bichos numa simbiose ao mesmo tempo expressionista e lírica – a metamorfose darwiniana entrosada na reinvenção de grandes ou mínimas anatomias no que terá sido (ou ainda é) o mundo das nossas inexoráveis trajetórias, em rebelia, para a morte." (Rocha de Sousa, texto para a exposição "Narração Mágica", 1999).

3

*Feliciano de Mira
Susana Piteira*